

Ciência e Ambiente 25 anos de escavações neste sítio pré-histórico do Alentejo

No recinto ritual dos Perdigões foi enterrada uma cabeça sem o resto do corpo

Terá sido decapitado o homem cuja cabeça foi encontrada no centro deste complexo circular com mais de cinco mil anos? Ainda é cedo para saber. É preciso estudar os ossos e datá-los. Este é mais um mistério dos muitos deste sítio arqueológico

Lucinda Canelas

A s dez da manhã estão 38 graus à sombra no Monte dos Perdigões, mas os arqueólogos continuam no seu posto, de escova e colher na mão, recolhendo materiais que, da parte da tarde, hão-de tratar e catalogar quando chegarem à torre da Herdade do Esporão, em Reguengos de Monsaraz, a pouco mais de dez quilómetros. A campanha de escavações deste Verão, que começou há dois meses e teve dias em que o termómetro subiu aos 46 graus, está praticamente terminada e trouxe com ela novas perguntas e uma descoberta que surpreendeu todos, até António Valera, o director científico – um crânio isolado, que pode ter resultado de uma decapitação, e que parece ter sido cuidadosamente colocado numa fossa no centro do recinto ritual deste sítio em que a Era Arqueologia trabalha há já 25 anos.

Foi precisamente em 1997 que se fizeram as primeiras prospeccões nesta propriedade alentejana que a Finagra (actual Esporão S.A.) comprou para plantar vinha, mas que, graças ao entusiasmo do seu fundador, José Roquette, acabou por transformar num campo arqueológico com 16 hectares, onde foram já identificados 17 fos-

sos, alguns com 3,5 metros de profundidade, que formam um enorme recinto composto por círculos concêntricos com características únicas na Península Ibérica.

“Passaram 25 anos e continua a ser tanto o que ainda não sabemos sobre o que aconteceu aqui há mais de cinco mil anos... Descobrimos muitos materiais, estruturas, fazemos a nossa interpretação do que vemos com base em dados, informação, mas há muita coisa que ainda não conseguimos explicar. O que aqui fazemos vai respondendo a umas perguntas e levando a outras, mas é assim mesmo, é da natureza do trabalho arqueológico”, reconhece António Valera, director científico deste projecto de investigação a que está ligado desde 1998.

O sítio dos Perdigões tem 1400 anos de vida, apontando os vestígios ali recolhidos para uma ocupação humana entre os 3400 e os 2000 a.C. “A área central do recinto de fossos tem evidências de ocupação de todo este período, o que parece indicar que o sítio foi crescendo e encolhendo à medida das necessidades das populações que se serviam dele”, diz. Catorze séculos de ocupação deixam, naturalmente, uma teia de testemunhos materiais que tornam extraordinariamente complexa a leitura deste lugar.

Olhando para os troços de fossos que foram já escavados sob orienta-

ção de António Valera, percebe-se bem que os homens que começaram a fazer uso daquele território há mais de cinco mil anos tiveram de cortar e aplanar a rocha para depois nela abrir os buracos de vários diâmetros que haveriam de receber os troncos, de tamanho ainda por apurar, que formariam os chamados “*timber circles*”, recintos circulares constituídos por valas e alinhamentos de postes de madeira, construídos em vários pontos da Europa com um propósito ritual que os arqueólogos estão ainda muito longe de compreender na totalidade.

“Este *timber circle* que estamos a escavar terá sido feito entre 2800 e 2600 a.C., mas hoje sabemos que, mais tarde, foi cortado por outro, que ainda não datámos”, explica Valera, apontando para uma vala que intercepta o círculo que agora mais atrai a atenção dos arqueólogos. Ali bem perto estão as fundações de duas cabanas que terão servido de abrigo aos construtores dos Perdigões, uma delas já coberta de plásticos e sedimentos para sua protecção.

Nos fossos deste sítio que tira partido de uma espécie de anfiteatro natural com uma inclinação ligeira e aberto para a planície de Monsaraz, dominada pelo pequeno castelo que se vê ao fundo, no topo da colina, os arqueólogos têm vindo a encontrar nos últimos 25 anos milhares e milhares de fragmentos de cerâmica, restos



de fauna e outros materiais, entre eles pequenas esculturas zoomórficas de diferentes tipologias, algumas delas mostradas o ano passado na exposição *Ídolos*, no Museu Nacional de Arqueologia, em Lisboa.

“Daqui saíram também restos de cremações de, no mínimo, 250 indivíduos. A cremação não era comum na época, nem nós sabemos, para já, exactamente quando e onde foi feita”, explica o director científico. “Também temos ossos, bastante mais longos, fora das fossas, o que sugere que aqui há uma ritualidade funerária muito intensa.”

Um projecto de sucesso

No interior do círculo, perto da fossa onde foi descoberta a cabeça que se encontra separada do resto do corpo, há fragmentos de cerâmica campaniforme do terceiro quartel do terceiro milénio, um tipo de recipientes em barro a que podem associar-se elementos metálicos ou em marfim.

Embora haja quem discorde e olhe para os Perdigões como um povoado, Valera não tem dúvidas de que a ocupação humana daquele que é um dos sítios mais sistematicamente estudados da arqueologia portuguesa teria que ver com práticas rituais, eventualmente sazonais, e não com a actividade quotidiana própria dos lugares que estas populações já sedentárias, mas com grande mobilidade, escolham para viver.

As análises feitas aos restos mortais de cerca de 60 indivíduos sepultados no Monte dos Perdigões mostram que um terço era originário de territórios muito próximos, ali mesmo no Vale do Álamo, onde há grandes manchas graníticas, que outro terço nasceu num raio de dez quilómetros e que o restante deslocou-se de zonas costeiras, como o Algarve.

“Temos aqui cabanas e fogueiras, estruturas que encontramos nos povoados, mas isso não significa que as pessoas vivessem aqui a maior parte do seu tempo. Significa, simplesmente, que passavam aqui temporadas e que, nessas temporadas, continuavam a precisar de dormir e de comer. Vinham para homenagear os seus mortos e faziam grandes farras, festas com muita comida, a avaliar pelos restos de coelho, veado, cavalo, auroque, javali, cabra... Os Perdigões são um lugar de passagem, um lugar a que se vem com um objectivo”, acrescenta Valera, mostrando como o sítio se relaciona com o Sol. “Estamos numa paisagem claramente simbólica, num lugar orientado ao solstício, num lugar em que o horizonte é como um calendário.”

Quem por ali passou durante 1400 anos deixou ainda âmbar da Sicília, cinábrio (minério de mercúrio, de cor avermelhada) do centro da Península Ibérica ou conchas e cerâmicas da região de Lisboa.

“Nestes 25 anos escavámos apenas



CORTESIA: ERA-ARQUEOLOGIA



CORTESIA: ERA-ARQUEOLOGIA



O facto de esta cabeça estar aqui é muito significativo, tem uma carácter simbólico fortíssimo

António Valera
Arqueólogo

2% do sítio, mas fomos consolidando uma certeza, a de que os Perdiggões foram um projecto de sucesso na pré-história – desenvolveu-se, soube adaptar-se às circunstâncias e atraiu pessoas ao longo de 14 séculos. Há outros recintos de fossos não muito longe daqui, mas nenhum com esta dimensão, esta dinâmica.”

O apogeu terá acontecido por volta de 2500 a.C., acredita Valera, que este ano orientou os trabalhos em função de três objectivos: determinar o centro do círculo de madeira, averiguando o que lá está; definir o manto de pedras que cobre parte da área, registando-o de forma a que, mais tarde, possa ser retirado sem perda de informação; e delimitar o diâmetro máximo do círculo a sul.

Assim sendo, a campanha deste Verão parece ter corrido muito bem: “Estamos a terminar o trabalho no manto de pedras e já conseguimos perceber, a sul, que o recinto é perfeitamente circular.” Também chegaram à conclusão de que a cabeça que os surpreendeu a todos está no centro geométrico daquele que seria o círculo de madeira.

Uma cabeça, não um crânio

O que António Valera e a restante equipa não sabem ainda é se a dita cabeça – gostam de a chamar assim, porque tudo indica que ali foi posta quando ainda conservava tecidos moles – pertenceu a um indivíduo

que foi decapitado, nem quando é que ele a terá perdido.

“Sabemos que é de um homem e que conserva as primeiras vértebras cervicais, o que quer dizer que, para estar neste nível de conservação, não pode ter sido posta aqui já em esqueleto, com os ossos secos, tinha de trazer carne e pele agarradas”, explica o arqueólogo, que, mais tarde, mostraria o crânio que está já numa caixa na Torre do Esporão, onde estão guardados muitos dos materiais saídos da escavação. “Aqui estão o atlas e o áxis”, aponta, indicando precisamente as duas primeiras vértebras, as que dão apoio ao crânio e permitem os movimentos do corpo entre a cabeça e a coluna vertebral.

A cabeça foi deixada com a face virada para sul no centro de uma fossa coberta de sedimentos, no topo da qual havia uma lareira com restos de porco, coelho e amêijoas.

“Não podemos dizer para já que este indivíduo foi decapitado, mas tudo indica que sim. Para o afirmarmos temos de ver muito bem os ossos, ver se há marcas de corte e que tipo de marcas”, diz, apontando para os estudos que se farão de antropologia biológica e de tafonomia (análise centrada nos processos que ocorrem após a morte de um organismo até à sua fossilização).

A equipa, que recorre a colegas da Era e conta também com a colaboração de especialistas de universidades e de outros centros de investigação, precisa também de datar o crânio para saber se é contemporâneo da paliçada circular (*timber circle*) que têm vindo a escavar. Valera duvida, no entanto, de que as análises futuras, que incluem as de ADN na tentativa de perceber de onde vinha, que dieta fazia e que filiação genética tinha o homem que ficou sem cabeça, consigam determinar se a decapitação, a ter ocorrido, foi ou não feita com o indivíduo ainda vivo.

Que função cumpria esta cabeça no centro do recinto é também um mistério. Faria parte de algum ritual?

O crânio foi encontrado numa fossa (à esquerda) no centro do recinto dos Perdiggões (em cima, uma vista aérea); e o arqueólogo António Valera

Com que objectivos? Será uma oferenda sacrificial? Teria este homem morrido longe do recinto e ali sido sepultado, no centro do círculo, por ter uma posição social importante?

“Não sabemos. Podemos especular com base em informação concreta, comparando o que se passa neste sítio com *timber circles* semelhantes na Europa Central e nas ilhas britânicas, mas provavelmente nunca poderemos ir além do que já podemos dizer hoje – que o facto de esta cabeça estar aqui é muito significativo, tem um carácter simbólico fortíssimo”, diz António Valera, sublinhando que não há outro recinto com as características dos Perdiggões na Península Ibérica. “O que aqui temos não é uma cópia do que se faz na Grã-Bretanha ou na Alemanha, mas mostra-nos que, na península, também há uma arquitectura monumental em madeira na pré-história recente.”

Uma arquitectura em madeira que daria origem a uma espécie de floresta artificial, de labirinto, em que os indivíduos eram convidados a entrar. “Tal como noutras religiões, também aqui o espaço está destinado a proporcionar experiências a quem o usa. Sabemos que a circularidade do recinto e a sua orientação ao solstício são fundamentais, mas não sabemos quem é que podia aqui entrar, se

quem o fazia tinha de seguir um percurso pré-definido ou se podia escolher o seu.”

As possibilidades que os arqueólogos colocam são muitas, mas carecem de confirmação: será que os troncos estavam ali para criar dificuldades no percurso ou para mostrar que há alternativas no caminho? Fariam parte de uma experiência quase mística mais alargada? “O que podemos dizer é que, nos Perdiggões, os mortos participam activamente nos rituais e que a dicotomia vida/morte que é hoje evidente para a maioria das pessoas podia dizer muito pouco a quem vinha aqui há mais de cinco mil anos.”

A Era candidatou-se a financiamento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) para fazer o levantamento 3D de todas as estruturas negativas do recinto (fossos, fossas, buracos onde seriam colocados os troncos da paliçada) e, mais tarde, uma reconstrução virtual. A Faculdade de Engenharia da Universidade de Aveiro é a sua parceira neste projecto, que terá de avançar, soube-se há precisamente uma semana, sem o apoio da FCT e que implicará, entre outras coisas, estudar os resíduos deixados no fundo dos buracos para apurar que madeira seria usada – os sobreiros, azinheiras e oliveiras que hoje pontuam a paisagem não têm troncos direitos compatíveis com a construção de um círculo de madeira – e conduzir testes de força de vento.

“Estes testes, cruzados com outros, permitem estimar que altura tinham os troncos que cabiam nestes buracos”, acrescenta Valera, explicando que as análises aos vestígios neles encontrados permitem dizer que uma das madeiras usadas é pinho. “Haveria aqui pinheiros há cinco mil anos ou eles tinham de trazer a madeira de longe?” Esta é, para já, mais uma pergunta sem resposta. Há muitas assim nos Perdiggões e é com elas que a ciência avança.

2%

Em 25 anos de trabalhos escavou-se apenas 2% deste sítio arqueológico, mas com resultados surpreendentes

